

O Independente

Hebdomadario

ANNO I

Florianopolis—Domingo, 2 de Setembro de 1917

NUM° 2

EXPEDIENTE

Publica-ão semanal.
Número avulso
Assinatura trimestral

100
1.500

Só aceitamos os artigos que, além do pseudônimo tragam a assinatura do autor.

As assinaturas serão cobrada adiantadamente.

O INDEPENDENTE pode ser encontradas na agência de Jornais à Rua da Republica n° 5.

Serão considerados assinantes todas as pessoas que não devolverem nosso jornal no prazo de 4 dias.

Esperanto

«Esperanto» é o nome dum belíssimo idioma auxiliar criado por um celebre polyglota polaco, o dr. Lazar Luiz Zamenhof, ha poucos meses falecido em Varsóvia, onde exercia a sua profissão de médico-oculista.

O primeiro manual desse idioma apareceu na Polónia em 1887, tendo o seu autor se occultado sob o pseudonymo de *Esperanto*, pseudonymo que, mais tarde, foi dado por nome á nova língua.

Zamenhof soube procurar os melhores recursos, isto é, soube dar á sua obra as melhores qualidades, para que ella não viesse, mais tarde, a decahir por difícil, inutil ou inconveniente. Formou uma língua facilíssima de ser fallada e escrita por qualquer dos povos que habitam a essa; formou-a sim, d'embora à custa de muitos e longos annos de estudo.

Que lhe importava, no entanto, o trabalho a que se lançava, se ella esperava apresentar, com esse trabalho, à humanidade uma obra que lhe seria a ella utilíssima?

E foi disposto á lucta que elle se atirou de encontro a todos as dificuldades que se lhe iam apresentando, sahindo finalmente victorioso.

Começou, então, a humanidade a olha-lo; uns julgavam-no um louco, qualificativo que foi dado tambem ao grande descobridor da América

quando este tornou publica a sua ideia da existencia d'um continente desconhecido; outros, ao contrario, admiravam-no, elogiam-lhe a criação, e, dentre estes destacamos, por mais conhecido dos leitores, o apreciado Leon Tolstoi:

Dia a dia se iam apresentando discípulos de Zamenhof, promptos a tabalharem na construcção do grandioso edifício, cujos alicerces haviam sido collocados pelo extraordinário medico polaco.

E, não obstante a vil indifferença e a injusta campanha dos criticos incensatos, que não queriam ver no illustre autor do «Esperanto» o solucionista do grande problema da correspondencia dos diferentes povos por meio duma só língua, a nova criação progredia, crescia-lhe o numero de adeptos e de propagandistas, até que hoje, após 30 annos apenas de existencia, o idioma auxiliar é fallado e correspondido, não por centenas ou milhares, mas por milhões de estudiosos que esperaram atingir o alvo a que os conduz a ideia genial do immortal Lazar Luiz Zamenhof!

Ora, esse enorme progresso vem desbaratar completamente as infundadas theorias que surgem, aqui e alli, quaes nuvens negras a impedir que o sól projecte na Terra a sua luz vivificante.

Dentre essas theorias que qualificámos de *infundadas*, a que mais se destaca, a que mais frequentemente apresenta a todos os que se alisstam nas fileiras esperantistas, é a que pretende desanima-los, querendo demonstrar que, como todas as línguas que o precederam, o «Esperanto» não será aceito, não atingirá jamais o alvo a que se destina.

Essa theoria, no entanto, para os que estudaram a bella língua do dr. Lazar Zamenhof, não é sómente infundada, mas até absurda.

Quem poderá provar que qualquer dos outros idiomas que surgiram antes do «Esperanto», embora com o mesmo fito, chegou ao grau de progresso a que chegou este?

Não; o idioma «Esperanto» possue qualidades muito superiores ás dos que o precederam, qualidades que bem explicam a preferencia que conseguiu.

A sua facilidade, por exemplo; além disso, os elementos de que se compõe, os quaes satisfazem a todos os povos, sem que nenhum delles veja na «língua auxiliar» elementos na sua maioria extrahidos duma língua usada por outro povo inimigo. E essa ultima qualidade, ao que nos parece, foi a que mais preocupou o dr. Zamenhof, vendo-se elle obrigado a lançar mão de elementos de muitas línguas diversas, si bem que para isso, tivesse de empregar muito tempo e muito trabalho.

Ahi estão expostos os principaes motivos do extraordinário adiantamento em que se achava a língua auxiliar internacional «Esperanto» e a prova clara de que ella jamais desaparecerá; ao contrario, irá pouco a pouco vencendo o indifferentismo humano, proprio ainda desta época, e reunindo numa só Raça muitas raças diversas e numa só Sociedade muitas Sociedades differentes.

Portanto, fica visto que não será perdido o tempo que se empregar no estudo do inegualável criação que — esperamos — será a base solida do sonhado edifício da Fraternidade Universal.

Gustavo NEVES

Uma constata

Diz-se nos Cafés e Cinemas que, no proximo dia 7, Florianopolis terá o prazer de ser visitada pelo garboso Tiro de Nova Trento. Esperemol-o.

A Irmã de Caridade

Ao elevado espirito de quem na terra se chamou Anna de Toledo.

Em um destes dias tristíssimos de hynverno que faz a gente avelhantado como se a propria atmosphera residisse em as nossas olheiras, avistei, ao longo da rua em que moro, uma fileira de creanças que, formadas duas a duas, vinha de assistir a missa. Guiavam-nas uma Irmã de Caridade.

As creancinhas, eram ellas, as pequeninas orphans do asylo, ternas creaturinhas que, em pleno aurorecer de vida, em vez das caricias ternas e compassivas de arroubos de mãe sorrindo à semelhança de guia que lhes apontasse o iris da esperança fulgindo nos horizontes de seus dias, sentiram no vacuo da noite negra e eterna do tumulo, vencidas, o desapparecimento dessa que, braços abertos para amparal-as, quer no prazer quer na afflictão, lhes vellaram no primeiro dormitar. Dura realidade o ser orphão.

E, sósinhos, sem a protecção ale vantada do materno seio, foram buscar arrimo á sombra da caridade e, menos máo tornara-se o destino, desde então, para elles, porque, á ausencia da mãe que fôra tragada na voragem da morte, viram, em volta de si, como andorinha de todo o hynverno, a figura heroica da Irmã de Caridade. Sim, heroina, porque a Irmã de Caridade, além de ser um guarda que assiste o moribundo nos ultimos momentos, é tambem um ente elevado que, trilhando no caminho espinhoso que é o caminho da caridade, arrosta a vida triumphalmente.

Christo, o revolucionario que em pôs de Si a multidão sedenta de justiça sentia-se transfigurada no Bem, trilhou o espinhoso caminho do amor ao proximo, espalhando benefícios, e a humanidade perversa em vez de offertar-Lhe loiros, offertou-Lhe a Corôa do martyrio apontando-Lhe a Via Dolorosa, e, Elle, sereno, não se transviando do itenerario, deixando a populaça vociferar, foi,

como todas os santos-herões, buscar no martyrio as palmas da victoria. Foi um heróe, e o Seu heroismo foi outro que não o buscado nos campos de batalha.

A Irmã de Caridade, enchendo-se de crença, procura cumprir a missão que lhe é inata à sua carreira, arredando as urtigas do caminho.

Há lagrimas, ahi vimos-l-a; há algem, que estretora num catre d' hospital, à cabeceira dêsse alguém há uma pessoa: é a Irmã de Caridade; a orphã chora a perda do ente que lhe dérá o ser, ella estende-lhe a mão. E, não só á hora da paz: á hora em que o clarim anuncia o combate, soccoendo, fechando as feridas dos combatentes, ella faz mais do que heroismo, porque se sacrifica tirando de si própria resignação para repartir com todos.

Faz do proprio gemido que sufoca no íntimo do coração o som do seu psalterio, e das magas dos infelizes faz rimas do poema grandioso chamado Vida.

Passa a vida, o tempo escôa rapido como as águas torvelinhadas das grandes cataratas, e a Irmã de Caridade, alheia as estações de verão, outono, estio e primavera, vê o hynverno e não o sente, o hynverno rubro das dissilluções, de gemidos feito e forte, despida dos attractivos que empolga os espíritos avidos de phantazias, ella faz e conduz o madeiro da cruz no tenebrosó Golgotha da Vida.

Abjurar os festins cheios de folguedos, despresar o estridulo enaltecedor das concepções mundanas, para escutar as ultimas palavras dos que estão prestes dos liames da Eternidade, -palavras de crime e arrependimentos, é verdadeiramente um myster acima de qualquer censura, —é um acto quasi humanamente impossivel a uma mulher. E ella o faz, sorrindo benevolamente á Caridade, e a Caridade lhe sorri também.

Mulher bendicta! que paira muito acima do que é terreno.

Do meu retiro

Com razão se houve um pobre velhinho que, a porta do nosso Mercado Publico, dissera andar á procura de um metro de corda, meio capaz de pôr cobro á situação precária, enforcando-se...

As palavras do homem de barbas brancas que se amaneirava á Mathusalem, eram o protetoxo á carestia de generos que, em nosso Estado, anda a bessa.

Os generos de primeira necessidade: feijão, tripa, farinha, enfim, todo o conjunto de baratos semelhantes que consistia o frugal banquete diário do pobre, augmentaram de preços e a classe pobre—a eterna vítima—carneiros cabresteados á vontade dos politiqueiros relapsos, passa, á semelhança de doente com a diéta que lhe é infligida pelos magnos poderes, e, tudo isso, se n'un protetoxo capaz de atemorizar os senhores de barão e cutello.

Esse estado de miseria e extorsão, podera ser revelado ou, por outra, encarado com indifferentsimo se, os pobres operarios, os luctadores, vissem o seu salario augmentado, mas, é justamente o que não acontece e, alem da fraca remuneração, ha falta de serviço, fazendo-lhes a situação mais triste e penosa. A imprensa governista, ultimamente, fingindo arauto de protecção dos opprimidos, ha escrito, no exiguio espaço de noticia, chamando attenção dos poderes publicos para que estes cohibam o abuso dos fabricantes de pães que impingem á populaçao hostias a bruta... mas, esse clamor appareceu, precisamos esclarecer, visto ser a época de fazer escadas isto é, de eleições e ser necessário illudir a fé dos incautos, dos que são precisos á suffragar os fulanos e sicranos que, uma vez eleitos, fazem uma... careta á reclamação justa dos que os elegeram.

E o pão continuará pequeno, a carne vendida por preço exorbitante, farinha de mandioca e tudo por alto preço..., por consequencia da guerra dos submarinos—allegam os exploradores... Belleza da ilha dos casos... monstros...

Nelson Almeida

Nuncio d' Aguiar

Um amigo do Brazil

(D' A Bôa Nova)

O engenheiro alemão Aloys Berberich, que foi encontrado morto, uma fria manhan de Julho, no quarto de pensão onde morava, era um apaixonado amigo da nossa terra. Vivera aqui alguns annos, tinha ido para a Africa Central, atraído por um excellente contrato; mas a nostalgia do Brazil o venceu, em pouco tempo; abandonou tudo, interesses, esperanças de melhor futuro, veiu de novo em busca da sua segunda pátria, na qual queria passar o resto da vida.

Quando rebentou a guerra, Berberich trabalhava na S. Paulo Railway. O director dessa estrada, chamando-o explicou-lhe que havia recebido ordens de dispensar os funcionários alemães; abria, entretanto, uma excepção em favor d'elle; que ficasse, não lhe tirava o lugar.

Berberich agradeceu e pediu licença para cumprir as ordens... do governo inglez.

Foi, depois, professor em S. Paulo, jornalista naquella Capital e de lá se mudou para o Rio, entrando para o Diario Allemão.

Fez-se conhecido e estimado em todas as nossas rodas jornalísticas. Na Associação de Imprensa, todos o queriam, apesar de serem todos aliados. Berberich discutia, ás vezes, com tanta firmeza, porém, com tamanha polidez, que no fim se tinha a certeza de que elle contava como mathematica a victoria da Alemanha, embora no decurso da palestra parecesse concordar com os interlocutores. Sorria; o seu sorriso era o seu melhor argumento.

Certa noite, entrou pela sala do Associoação um grupo de rapazes jornalistas um pouco alegres... Vendo Berberich, sem intenção de magual-o, apenas por brincadeira, comediam a fazer discursos e a beber choppa pela victoria dos paizes da Entente. Berberich sorria. Terminados os discursos, um dos rapazes exclamou, entre os aplausos dos outros:

«—Berberich! pela libertação da Belgica! pela victoria da França! pelo successo das armas inglezas!»

Berberich sorria e não bebia.

«—Berberich! beba, então, pela victoria da Allemanha!»

Berberich levantou-se; e com uma commoção que lhe tornou grave o sorriso, disse:

«—Meus amigos! bebamos pelo Brazil! pelo vosso, pelo nosso grande Brazil!»

A astucia alemã

U caso dos muitos que andam por ahí.

E' inqualificavel o preceder dos alemães,

Astuciosos como o gato que espreita o rato, elles não se cansam em procurar os mais engenhosos meios afim de poderem saciar a sua sede de possessões.

Um desses meios, que é sem duvida o que preferem, é a esprangem.

Ainda ha poucos dias "O Estado" publicou um telegramma, no qual se lia que um alemão, feito (não sabemos como) 1º tenente do Tiro 7, do Rio de Janeiro, foi acusado de espionagem em favor da Alemanha, ficanda verificação que violava toda a correspondencia da patriotica associação brazileira.

Que audacia! Sempre e sempre a espionagem alemã aproveitando-se da liberdade reinante na nossa Patria!

No entanto o que mais nos admira é que esse caso se tenha passado na capital da Capital da Republica, onde se não cessa de exhortar o nosso Estado, a que não se descuide, a que seja cauteloso na escolha dos que devem possuir a faca e o queijo...

Mais é isso mesmo... Agora haverá mais cautela.

Pois os leitores não sabem que é sempre assim, — «depois de arrombada a porta...»

Passagem do Estreito

Outr' ora havia duas emprezas de passagem do Estreito. Ora, assim havia a concurrencia da parte de cada uma, obrigando isso a que cada uma se esforçasse para impôr a preferencia ao publico.

Disso resultava que os passageiros, mal chegavam no trapiche, eram chamados por ambos os concurrentes da passagem, e não só chamados, mas até rogados.

Havia então mais delicadeza para com os passageiros.

O preço da passagem baixou. Lanchas havia-as de 10 em 10 minutos ou de 15 em 15, até alta noite, ás vezee até ás 24 horas.

Hoje? ! Desillusão.

As duas Emprezas fizeram uma fusão e... adeus a tudo o que havia outr' ora.

O preço das passagens subiu de novo. Lanchas? Só de hora em hora, para quem quiser.

Passagem, só ha até ás 21 horas, mesmo nos dias de festa, como domingo p. passado.

Ahi fica exposto o que foi outr' ora e o que é hoje a Passagem do Estreito.

Comparemos as duas epochas e vejamos si é ou não conveniente crear mais uma Empreza de Passagem.

Agradecimento

Agradecemos a gentileza de alguns collegas desta Capital, que noticiaram o nosso reaparecimento.

Com especialidade levamos esse agradecimento ao apreciado diario "O Estado", que, muito delicadamente nos honrou em demasia anunciado com antecedencia a nossa volta à arena jornalista da nossa terrinha.

União Graphica B. de Florianopolis

Vae em franco progresso essa novel associação, cujo fim principal é o soccorro, nas occasões precisas, aos seus associados.

A "União Graphica", si não é ainda uma sociedads dum capital elevado, é contudo uma sociedade que, bem dirigida, progride dia a dia dada a vontade firme que reina na sua digna Directoria.

Que seja sempre assim o seu progresso e, dentro em breve, haverá em Florianopolis a verdadeira União a União aliada á Caridada, e a bella arte que levou á immortalidade o grande Guttenberg.

O tesgate d'um sonho

Os direitos sagrados da amizade são invioláveis. (Bonnet)

Noite tenebrosa... O firmamento era lívido, nem siquer possuia um raio de luz offuscante. Uma gelidez terrível se apoderava d'atmosfera. O vento, qual bravio leão que ruge, soprava enfurecido...

O patamar estava deserto... Momentos depois, frageis e tremulas mãosinhas abriam as janellas da sala contigua... Era a mimoso.

Elvira, jo en esbelta e seductora que se dirigia ao sagnão. Ella sentou-se, cruzou as mãos e sobre ella sustinha a cabeça que curvara em attitude somnambula. Scismava a sos...

Passavam-se as horas, ella conservava na mesma posição...

Após longo momento, subitamente ergeu o semblante, fitou a esphera illimitada do espaço... baixou a cabeça e reergue-a novamente, mas o amargor dos prantos supplantou o fulgor de seus olhares e as lagrimas escorriam-lhe pelas faces rosadas. Ella chorava... gemia como o poderia fazer um louco encerrado n'um insolito carcere.

Porventura cometerra algum crime?

Seriam ideias sinistras que se estavam apoderando de seu cerebro? Não... nada!...

Elvira sentia forçosamente o impeto d'uma paixão voraz. Se outrora allumiara o amor com o magico resplendor de seus olhares, agora regava as chamas da paixão com lagrimas amargas.

Aquelles labios carmezins que antes proferiam palavras de meiguice e carinho, não mais faziam que transpor do coração suspiros doridos.

A virgem amava certamente; e como já experimentara horas de satisfação e sorrisos devia submetterse a momentos de soluções e angustias!... Ella gemia... chorava copiosamente e de quando em vez balbucia n'uma voz pausada e lenta o nome do eleito do seu coração:

"Tardas muito hoje... apressate em vir... vem resgatar os meus gemidos com teus sorrisos, vem enxugar as lagrimas d'aquelle que te adora! Não tardes mais; chega de sau-

dades vem, meu ídolo, meu amor, meu prazer, vida de meus dias, a lento de todo o meu ser!"

Eram estas as suas doces exclamações nas quaes revelava o ardente amor que consagrava a alguem.

Finalmente... el-o que chega. A donzella com as faces ainda humedecidas pelo pranto vai-lhe ao encontro...

Ambos sobem vagarosamente os luzidios degraos da escadaria que dava entrada ao patamar.. Após terem vencido alguns degraos o mancebo parou... mirou um caramanchel que lhe ficava fronteiro... vacillou sem tomar uma orientação definitiva... fixou os olhares na fascinadora Elvira...

Permaneceu longo tempo immovel como que petrificada. A virgem conversava as faces despidas d'aquele sublime rubor magnetico que lhe era peculiar; estava envolta d'un pallor melancolico...

Ella estava ausente do noivo há tempos, desconsolada, longe d'elle, era acabrunhada por atrozes soffrimentos. Um sommanbulismo profundo se tinha apoderado d'ella naquelle enluarada noite de primavera. Ella sonhava... não era aquelle dedalo imenso, aquelle labirintho confuso em que se achava...

Era tudo illusorio e phantastico!..

Alguns dias depois de ter ocorrido aquelle desvario Ella comprehendeu que tudo era um verdadeiro mytho e se ia braços dados com o macebo, por um remate ao seu amôr celebrando o faustoso casamento.

Um mez depois, sentada proximo ao caramanchel Ella soridente acalentava o joven esposo que lhe depunha nos meigos labios... beijos de amor mas, dum amor louco, immenso illimitado...

João Melchiades

O nosso proximo numero sahirá no dia 7 de Setembro em comemoração à nossa Independencia. Este numero trará uma homenagem ao povo brasileiro.

A «Bôa Nova»

«A Bôa Nova,» o patriótico mensario que se publica na Capital Federal, sob a orientação do brilhante homem de letras — Alvaro Moreyra, acaba de visita-nos.

O novo periodico declara-se hostil ao Analphabetismo e incita aos Brasileiros para que o combatam.

«A Boa Nova» vem agora remodelada, transformada em revista, enriquecida por bellos escripto dos modernos intellectuaes fluminenses. Revertido duma disposição resoluta, tendo nos musculos a vibração duma força herculea, o novo orgão diz confiar na victoria ambicionada.

A destimida collega que manifesta gran'e abnegação ás coisas da Patria auguramós um verdadeiro exito para que em épocas vindouras, collendo os fructos de seu nobre ideal, possa entoar hymnos em apotheose á grande Patria regenerada.

*** Chama-nos a attenção de quem de direito para a falta de cumprimento do horário, á hora do fechamento, da Biblioteca Pública.

Ha cerca de um anno, si tanto, "A Semana", jornal que pouco chaleirava, pediu que aquella utilissima casa publica se conservasse aberta durante algumas horas noturnas. Felismente o pedido foi attendido e ficou resolvido que o fechamento seria ás 20 horas.

Hoje porém, os tempos tudo nos mudam e, em vez de se fechar ás 20 horas, a Biblioteca Pública é fechada ás 19 e meia, mais cedo ás vezes.

Esperamos ser attendidos.

Folhetos

Do sr. Marcos Konder, illustre deputado junto ao Congresso Representativo do Estado e muito digno Superintendente Municipal de Itajahy, recebemos um interessante folheto contendendo a utilissima Lei do Ensino Obigatorio naquelle municipio, sancionada por aquelle laborioso Superintendente.

Agradecemos-se a gentileza da honrosa offerta.